

- Diminuição das vendas com menos intensidade
- Nível de actividade piorou para a grande maioria das empresas
- Preços de venda inverteram tendência de subida
- Empresários ligeiramente menos pessimistas para o 3º trimestre de 2011

### APRECIÇÃO GLOBAL

Depois de um 1º trimestre verdadeiramente mau, o 2º trimestre trouxe alguma diminuição de intensidade ao processo de contínua recessão que se vive desde 2002.

A percentagem de empresas que registou quebras de vendas face ao trimestre anterior foi de 46,4%, sensivelmente igual à observada no trimestre anterior, mas o saldo negativo das respostas extremas no item “vendas” foi menos expressivo (-24,6%, contra -39,2%), tendo ficado, inclusive, aquém do que se previa (26,7%).

Tal ficou a dever-se ao aumento significativo do número de empresas que afirmaram o aumento das “vendas” (21,8%, o que compara com os 7,1% registados no trimestre anterior).

A percentagem de empresas que afirmou ter diminuído as existências (22,6%) voltou a ficar bastante aquém da percentagem dos que viram reduzir as vendas, enquanto, pelo contrário, a percentagem das que indicaram o seu aumento (25,8%) superou a das que subiram as vendas, confirmando dificuldades crónicas de ajustamento dos stocks ao nível de actividade, com reflexos negativos na rentabilidade e na tesouraria.

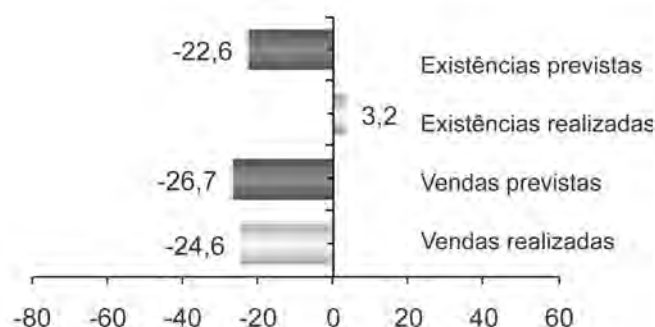
No que respeita ao comportamento relativo dos subsectores armazenista e retalhista, apesar de partilharem uma evolução de sentido negativo, apresentam diferenças que são particularmente significativas nos indicadores “variação de existências” e “preços de venda”.

De facto, os armazenistas registaram um saldo das respostas extremas no indicador “vendas” menos negativo que o observado entre os retalhistas, consequência de uma maior percentagem de empresas que afirmou a subida das vendas face ao trimestre anterior (25,4%, contra 20,3%).

As respostas relativas à “variação de existências” revelam, um pouco inesperadamente, que foram as empresas do subsector armazenista que menos êxito tiveram no domínio da correcção dos stocks, tendo mesmo apresentado um saldo positivo nas respostas extremas.

Os “preços de venda” voltaram a manifestar uma tendência de descida, ainda que ligeira, após terem subido nos dois últimos trimestres. Esta tendência foi, contudo, contrariada pelo subsector armazenista, ou porque detém uma força negocial superior, ou porque, situando-se mais a montante no circuito de distribuição foi o primeiro a reflectir as subidas das fábricas. Uma vez que as variações de preços foram muito díspares entre os dois subsectores para os mesmos grupos de produtos, não foi possível detectar um sentido claro, com excepção dos “artefactos de cimento” em que a descida dos preços de venda foi afirmada por ambos.

VENDAS E STOCKS - 2º TRIMESTRE 2011  
(saldo das respostas extremas)



### 2º TRIMESTRE DE 2011

Indicadores	Saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 24,6	- 18,3	- 27,2
Existências	+ 3,2	+ 12,6	- 0,5
Preços	- 9,3	+ 18,3	- 20,4
Actividade	- 50,0	- 47,0	- 53,0
Vendas homólogas	- 53,0	- 58,8	- 47,1

2º TRIMESTRE DE 2011  
(variação dos valores do saldo das respostas extremas face ao trimestre anterior)

Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	+ 14,6	+ 13,7	+ 18,0
Existências	+ 17,4	+ 35,7	+ 6,3
Preços	- 22,0	+ 0,6	- 28,9
Actividade	+ 1,2	- 3,5	+ 8,1
Vendas homólogas	- 4,2	- 15,3	+ 8,4

(sinal "-" indica pioria ou diminuição; sinal "+" indica melhoria ou aumento)

No que concerne ao comportamento do sector em geral, verificou-se uma situação mista, com uma recuperação que apenas foi clara no indicador “vendas” e uma degradação na maioria dos restantes casos.

Mas, apesar desta melhoria no indicador “vendas”, é preciso ter em atenção que o mesmo permanece em terreno negativo, significando que a maioria das empresas do sector (46,4%) registou quebras face ao trimestre precedente. Acresce que o indicador “vendas homólogas”, pelo seu lado, deteriorou-se, mostrando que houve mais empresas que viram as suas vendas diminuir face ao mesmo período do ano anterior.

Já a subida do indicador “variação de existências” é particularmente preocupante, uma vez que um relativamente maior investimento em stocks sem contrapartida numa real recuperação da actividade, como parece ser infelizmente o caso, só agrava a situação financeira do sector.

O indicador que mais se deteriorou foi o relativo aos “preços de venda”, ao contrário do que havia ocorrido no primeiro trimestre de 2011, o que, num contexto inflacionista, poderá significar uma nova quebra das margens, sobretudo no segmento retalhista, pressionadas pela diminuição da procura e pela forte concorrência.

A apreciação pelas empresas participantes neste estudo relativa à evolução do “nível de actividade”, manteve-se fortemente negativa, com 64,7% (61% no trimestre anterior) das respostas a considerarem-no deficiente. O saldo das respostas extremas manteve-se quase idêntico nos -50%.

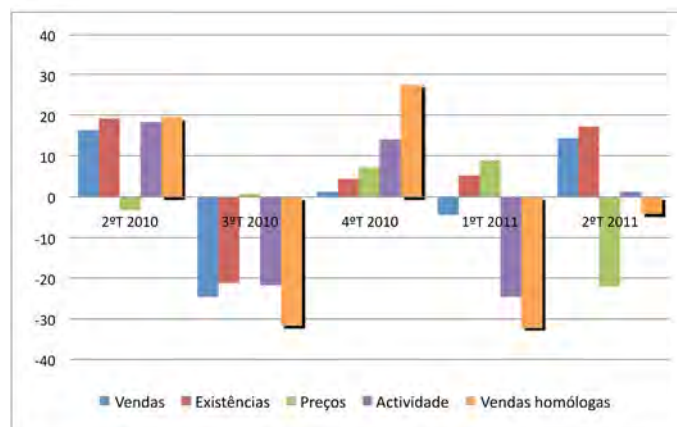
O indicador “vendas homólogas” reflecte, melhor que qualquer outro, o estreitamento progressivo do mercado do sector. O saldo negativo das respostas extremas observado neste 2º trimestre de 2011 foi de -53% (contra -48,8% no trimestre anterior).

Ainda mais expressivo foi o aumento registado na percentagem das empresas que afirmou ter diminuído as vendas face ao período homólogo do ano anterior. Foram 70,6% (contra 68,3% no primeiro trimestre do ano). Entretanto, apenas 17,6% das empresas afirmou o aumento das vendas face ao trimestre homólogo.

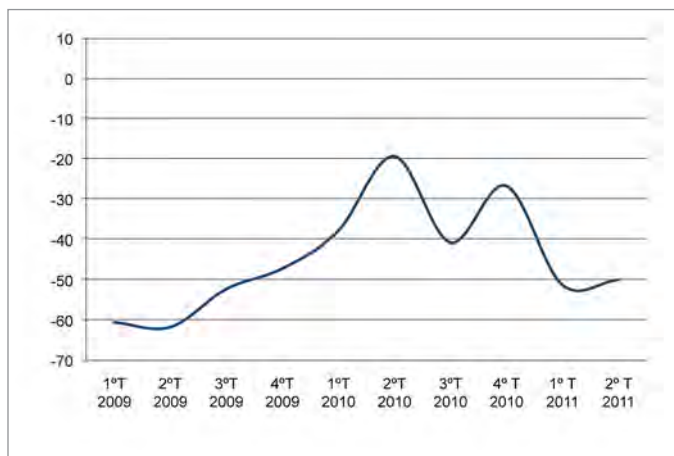
As expectativas para o terceiro trimestre de 2011 estão longe de revelar qualquer sinal de recuperação, deixando perceber, todavia, que os empresários do sector não esperam uma piora acentuada relativamente ao 2º trimestre do ano.

Estas previsões têm muitas vezes uma raiz psicológica e poderão ser influenciadas, quer pelas notícias sobre a evolução económica, quer pela ideia de que as coisas não poderão piorar muito mais, ou, ainda, porque alguma animação das vendas no final do período anterior permita sustentar a esperança de que a mesma se mantenha no período seguinte.

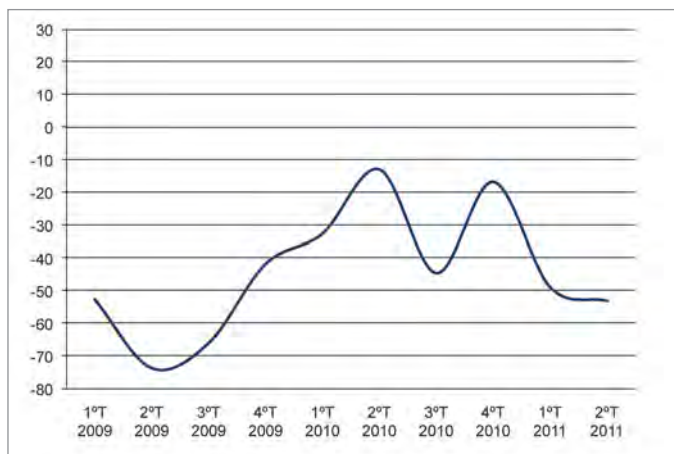
## VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



## EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ACTIVIDADE (saldo das respostas extremas)



## VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR

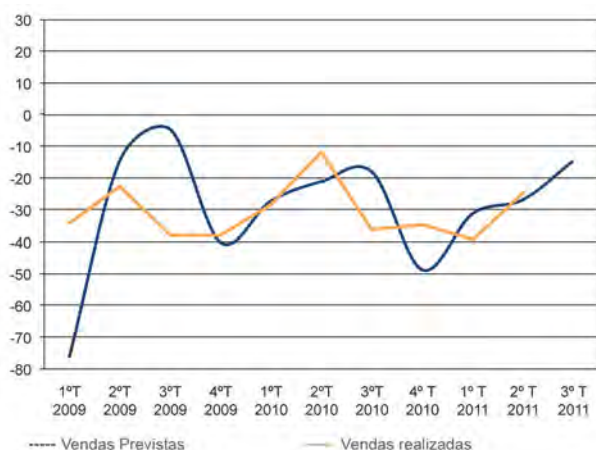


### 3º TRIMESTRE DE 2011 Perspectivas

Indicadores	Saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	- 13,7	+ 4,2	- 20,9
Vendas	- 14,4	- 4,2	- 18,6
Enc. Forneced.	- 18,1	- 12,7	- 20,3
Existências	- 12,0	+ 2,8	- 18,1

### EVOLUÇÃO DO VOLUME DE VENDAS

Vendas Previstas e Vendas realizadas  
(saldo das respostas extremas)



De qualquer forma, como se pode observar no gráfico “Vendas Previstas e Vendas Realizadas”, as expectativas dos empresários para o 3º trimestre do ano foram, em 2009 e em 2010, mais positivas do que as alimentadas para os outros períodos, não obstante os resultados terem ficado muito aquém.

Em termos objectivos, somos obrigados a reconhecer que a economia portuguesa permanece em recessão técnica e as previsões macroeconómicas apontam para o seu forte agravamento ao longo deste ano de 2011 e em 2012, com particular incidência na redução do mercado interno.

O sector da construção não deve escapar a esta tendência, que parece, aliás, acentuar-se, de acordo com os dados do sector que vão sendo conhecidos mês após mês.

Os indicadores de conjuntura mais recentes sobre o sector, divulgados pelo INE, revelam que, passamos a citar, “o índice de novas encomendas na construção apresentou uma diminuição homóloga de 16,8% no 2º trimestre de 2011

(variação de -12,8% no trimestre anterior)”. Ainda que este comportamento tenha sido influenciado pelo crescimento da componente pública do segmento de Construção de Edifícios relativa a edifícios escolares no 2º trimestre de 2010, como explica o INE. Mas, mesmo excluindo esta componente, as encomendas recebidas pela construção diminuíram 6,3% em termos homólogos.

Também, de acordo com o INE, a produção na construção registou, em Junho de 2011 uma variação de -9,5% em termos homólogos, menos expressiva, todavia, que a verificada em Maio (-10,4%). Comparando com o mesmo mês do ano anterior, o emprego e as remunerações diminuíram 9,5% e 1,2%, respectivamente. A taxa de variação média nos últimos 12 meses situou-se em -8,5%, superior em 0,1 p.p. à observada em Maio. O segmento de Construção de Edifícios apresentou uma variação média de -11,2% (-11,7% no mês anterior) e o de Engenharia Civil registou uma variação de -6,0% (-5,8% em Maio).

Tudo indica que os factores negativos que afectam o nosso sector, isto é, a redução drástica do crédito à habitação, a diminuição do rendimento disponível das famílias, o aumento do desemprego, o aumento dos juros e a desalavancagem financeira da banca, a quebra do investimento privado, assim como a suspensão, adiamento ou cancelamento de projectos de obras públicas, se agravem, enquanto os factores que poderiam emprestar algum dinamismo ao sector (alteração da lei das rendas, simplificação dos despejos, facilitação dos licenciamentos e redução da carga fiscal sobre as rendas) estão calendarizados para o fim de 2011 ou início de 2012.

Não há alternativas no imediato para o sector e só poderemos esperar o aumento de dificuldades que advirão do quadro macroeconómico e da política orçamental. Aos empresários do sector restará gerir bem e procurar reinventar o negócio.

É claro que existe a possibilidade de, como já sugerimos há alguns meses, o Governo reequacionar a questão da utilização das verbas do QREN destinadas à regeneração urbana e a outros investimentos em infraestruturas, das quais, em seis anos, só gastámos 30% dos mais de 21 mil milhões de euros que estavam disponíveis.

Podíamos aproveitar esses 15 mil milhões de euros que a União Europeia nos concedeu, redireccionando-o para investimentos de proximidade e reduzindo a comparticipação nacional nas obras de iniciativa e responsabilidade das autarquias.

O assunto está no documento da troika, mas da maneira como lá consta nada garante que não venha a ser usado noutras coisas... Em todo o caso, se o calendário for cumprido, não vai ser para já, fica para o OE de 2012.